

Diversão & Arte

» RICARDO DAEHN

Em um trecho do mais recente filme assinado pelo mestre da ficção-científica Steven Spielberg — que tem no currículo *E.T. — O Extraterrestre* (1982) —, uma personagem delinea a dúvida, ao se deparar com um ser vivo: “É uma criança?”, e a resposta vem com sonoro “não!”. Surge a nova pergunta: “É uma pessoa?”, e, a galope, há a nova negativa. Numa terceira tentativa: “Não é humano?”, e paira o silêncio absoluto. Numa trama que ele mesmo criou, Spielberg, que trata de extraterrestres, posiciona um hiato demarcado (no enredo) por sua própria idade: 79 anos de dados lacunares e desinformação acompanham a humanidade. Em entrevista à rede CBS, o autor de clássicos como a saga Indiana Jones e o premiado *A lista de Schindler* (1993), apontou *Dia D*, que estreia hoje, como o “filme de resumo do que criei na ficção científica”.

Reclamando uma “base de verdade”, o autor de cinema questionou: “Não está na hora de nos contarem o que vem acontecendo nos últimos 80, 90 anos em nossos oceanos e em nossos céus?”. Com toda a liberdade para criar, Spielberg apostou numa rede de controle, riqueza e estabelecimento de poder, para explicar ações de personagens como o do empresário Noah Scanlon (personagem de Colin Firth). Junto à corporação Wardex, Noah emperra o fluxo de informações e salvaguarda dispositivos mantidos em segredo junto à humanidade. Teorias da conspiração alimentam o roteiro de David Koepf, lembrado por colaborações junto a diretores de peso como Robert Zemeckis, Brian De Palma, Steven Soderbergh, Sam Raimi, David Fincher e, claro, Spielberg.

Questão latente na filmografia de Spielberg motivou a escrita do filme: “Quando o grande desconhecido é conhecido por alguns, mas não por todos nós, é essa desigualdade que me motivou (a criar)”. Sangue, crucifixos, dispositivos de alta tecnologia e traumas de personagens entram em cena no enredo que, aos poucos, une a apresentadora televisiva Margaret Fairchild (Emily Blunt) e o funcionário rebelde da Wardex Daniel Kellner (Josh O’Connor, de *Rivais*). Crenças, determinação e um bizarro esquema de transe alcançam os dois personagens que, sequer, são conhecidos, aparentemente.

“Não tenha medo daquilo que desconhece”: a frase soará como mantra em diferentes momentos da vida dos personagens envolvidos numa rede de crimes cibernéticos. Num enredo cheio de suspense, Margaret traz “um dom” especial, ainda que não detenha o controle. Proclamada “uma passageira” no que ela chama de “fluxo”, Margaret parece plácida, em um ambiente de incerteza para a humanidade nutrida “por pânico e caos”. Desorientados, por causa dos inexplicáveis impulsos da jornalista, ela e o companheiro Jackson (Wyatt Russell), empreendem um circuito de fuga de autoridades. Nisso, se igualam aos fugitivos Jane (Eve Hewson) e Daniel, ambos com as vocações profissionais em crise.

Citando latentes crises entre americanos e russos, o embate sessentista relacionado a Cuba e ainda crises de teor biológico, *Dia D* esquematiza, no roteiro, uma realidade de pânico. Spielberg, atuante junto à equipe técnica de hábitos como o diretor de fotografia Janusz Kaminski e o maestro John Williams, introduz muito dos efeitos de realidades paralelas (criadas por tecnologia), sem deixar de lado perseguição de carro, ações em despenhadeiros, tiroteios e fugas em locomotivas. A presença da calejada jornalista interpretada por Courtney Grace, inesperadamente, traz um dos momentos mais emocionantes do filme.

VOO DE FICÇÃO CIENTÍFICA

APOSTA ALTA NAS BILHETERIAS MUNDIAIS
CHEGA COM OS EXTRATERRESTRES
BROTADOS DA MENTE DO
MAGO STEVEN SPIELBERG NO
LONGA - METRAGEM **DIA D**

Uma realidade
paranormal afeta
momentos chaves do
longa *Dia D*



Dia D: uma torrente de fenômenos inexplicáveis formata o suspense da ficção científica



Isabelle Adjani, ao lado de Truffaut, em *A história de Adèle H.*

CONVICTO EMISSÁRIO DO AFETO

Unidos não apenas pela devoção à sétima arte, os diretores Steven Spielberg e François Truffaut tiveram alinhamento perfeito, quando o diretor de *Tubarão* (1975) convidou o mestre do cinema francês para interpretar personagem de *Contatos imediatos do terceiro grau* (1977). Coincidindo com a estreia de *Dia D*, curiosamente, a mostra Truffaut por Completo tem início hoje, no Cine Brasília (EQS 106/107). Até 23 de junho, 23 obras de Truffaut, morto em 1984, estarão em cartaz. Hoje às 14h30,

a programação contempla *Uma jovem tão bela quanto eu*, baseado em texto de Henry Farrell, que explora o amor de um sociólogo pela detenta Camille Bliss.

Vale notar que a programação trará filmes clássicos do desastrado e amoroso Antoine Doinel (sempre na pele do astro Jean-Pierre Léaud), além de obras magistrais na revelação de sentimentos fortes, casos de *As duas inglesas e o amor* (1972) e *A história de Adèle H.* (1975). Ainda no Cine Brasília, hoje, às 16h30, será a vez de *O garoto selvagem* (1970), feito a partir de

estudo assinado por Lucien Malson sobre crianças apartadas da sociedade. O caso real de Victor d’Aveyron (personagem a cargo de Jean-Pierre Cargol, selecionado entre 2.500 atores) impulsiona a trama. No enredo, às vésperas do século 19, um garoto com limitação cognitiva, diante da falta de afeto e comunicação tem por tutor Jean Itard (o próprio Truffaut), diretor do Instituto Nacional de Surdos-Mudos (em Paris). O longa faturou prêmio da prestigiosa National Board of Review norte-americana. (RD)